

O segredo do casaco rosa. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Hélen é mais uma que faz parte da estatística de trabalho atual. Terminado o prazo de 6 meses da licença-maternidade, retornou ao trabalho onde era secretária de diretoria e permaneceu apenas um dia. Ao fim do expediente, numa segunda-feira, a gerente de RH a chamou em sua sala para a demissão.

— Mas a empresa estava selecionando pessoal para a minha vaga apenas no temporário, Gláucia, não é verdade? Meus gêmeos já estão na escolinha desde o mês passado, se é esse o problema.

— Infelizmente, não temos como ficar com a outra funcionária e você. O gasto na contratação e demissão em um prazo curto é muito alto para a empresa. Você é uma boa colaboradora e nos deu muitos resultados, mas não será possível tê-la mais conosco. Assim que tivermos outra vaga, iremos te chamar, certo? Também te daremos ótimas referências.

— Eu aguardo, então. — Responde à mamãe de gêmeos com um sorriso amarelo no rosto.

Após a assinatura de toda a papelada; o dinheiro do acerto já na conta; Hélen agradece à colega. Não era culpa do RH e sim uma decisão da empresa. O que ela poderia fazer afinal? Era tocar a vida para frente. Nada como um dia após o outro. Com todos os trâmites de demissão resolvidos em único dia, faltava entrar com o pedido do FGTS e o seguro-desemprego. Ela percebeu que aquela foi uma decisão empresarial de muitos meses atrás.

A mulher, porém, não deixava se abater. Levantou-se cedo e decidiu que, naquele dia, após levar os bebês à escolinha, iria trabalhar no voluntariado. Era uma ONG para recebimento e doação de roupas e acessórios, alimentos e tudo que fosse produto de casa, incluindo a mobília. O setor que ela mais gostava de trabalhar era o de recebimento e triagem de roupas e acessórios.

O ofício consistia em receber as roupas dos doadores; separar conforme o tipo; lavar tudo; encaminhar as com defeitos para possíveis consertos e o que não servisse mais para uso deveria ser entregue a outra instituição para reciclagem de tecido. Do material mais conservado, a ONG abria um “Brechó” mensal com o objetivo de angariar fundos para a reforma do prédio.

Desde o início do trabalho na instituição, Hélen se identificou exatamente com este processo. Durante a triagem ela sempre pensava em quem poderia ter usado tal roupa, sapato ou algum acessório.

Às vezes, ficava se perguntando onde estava com a cabeça em ter estudado secretariado executivo, ao invés de fazer gestão de moda. Ela criava os próprios figurinos do Brechó na cabeça. Tal vestido com tal sapato iria combinar com o cinto e a bolsa “de onça”, por exemplo.

Ao fim da primeira semana de trabalho na ONG após a demissão, quando ela estava separando as roupas melhores para lavar em casa e colocar à venda, um saco transparente chamou-lhe à atenção, uma vez que estava designado com uma fita adesiva onde havia escrito: casaco. Era uma roupa muito pesada. Quando despregou a fita, para abrir a roupa, um papel caiu ao chão. Estava meio amassado e um pouco amarelado. Hélen abaixou-se para pegar e escorregou, caindo sentada. Ali mesmo permaneceu para ler o que poderia estar no bilhete. Se ela não tivesse escorregado, teria caído de susto. No bilhete, havia a seguinte mensagem:

“Querida irmã Júnia,

Este casaco é apenas um mimo que eu trouxe da Bélgica para você. Dentro do bolso esquerdo, há 5 mil euros que te envio para custear o aluguel do seu apartamento e os remédios que deve tomar contra a rejeição do transplante do rim. O que sobrar é seu, mana. Você vai ficar bem, Deus te abençoe. Eu te amo, Jane.”

15/09/2020.

— Meu Pai do Céu! — Gritou a voluntária, procurando pelo dinheiro no bolso esquerdo do casaco. Na verdade, não havia um bolso esquerdo. E sim, um fundo falso dentro das “costas do casaco” onde havia 25 notas de 200 euros. A mulher começou a tremer de nervoso:

— Calma, Hélen! Pare, coloque a cabeça no lugar. Esse dinheiro não é seu. Há um nome no bilhete e você precisa encontrar esta pessoa.

A secretária assentou-se no sofá da sala a fim de “esfriar” a cabeça. Como encontrar a pessoa que entregou aquele casaco? E Júnia como estaria hoje? O bilhete já tem 3 anos. Em poucos minutos, milhões de questões povoavam a cabeça de Hélen. Ela passou ao menos uma hora pensando no que fazer para encontrar as duas irmãs.

Ela ligou para a administração da ONG a fim de pedir a recuperação das imagens das câmeras daquela semana. Renato, responsável pelo serviço de segurança: disse a Hélen que, quando ela quisesse poderia verificar o material. Para sua tristeza, o homem que entregou o pacote do casaco não era conhecido da instituição.

Hélen decidiu por contar o caso à diretora, Lourdes, e totalmente segura de si em devolver o dinheiro.

— Obviamente, Hélen, precisamos devolver este dinheiro, mas como?

— O que me preocupa é a saúde de Júnia, Lourdes. Já são 3 anos e ela não recebeu a grana. E Jane? Como vamos saber? Eu preciso encontrá-las.

— Boa sorte, amiga. Lamento não poder te ajudar com isso.

— Já sei! Farei uma campanha nas redes sociais, para tentar encontrar uma delas. Alguém vai ter que aparecer. Deus me ouça! — Disse Hélen, erguendo as mãos para o céu.

A voluntária abriu o “seu leque” de possibilidades. Por duas semanas, espalhou mensagens em todas as redes sociais possíveis, falando da procura pelas irmãs, Jane e Júnia, e sobre o casaco rosa. Para não levantar qualquer suspeita em relação ao dinheiro, falava apenas que a roupa era um presente belga para a irmã Júnia que havia passado por uma cirurgia de transplante renal. Por se tratar de uma roupa importada, surgiram várias pessoas dizendo ter ganhado o casaco, mas quando eram perguntadas sobre o conteúdo do bilhete, todas se enrolavam e não sabiam levar a conversa adiante.

Cerca de um mês após o início da procura, uma senhora entrou em contato com Hélen por telefone:

— Senhora Hélen, eu sou a Jane do casaco rosa. Onde podemos conversar?

A voluntária marcou em um shopping, para evitar qualquer tipo de problema como um sequestro ou assalto, porém não levou o casaco. Era muito dinheiro para ficar circulando em qualquer lugar.

Numa praça do shopping, no centro da cidade, a suposta Jane se encontrou com Hélen:

— Muito prazer, senhora. Não acredito que encontrou o casaco da minha irmã Júnia.

— O prazer é todo meu! Acho que precisamos conversar, não é mesmo? Eu realmente estou com o casaco, mas eu preciso saber se é exatamente a Jane.

— Sim, obviamente. Antes, eu preciso te mostrar este vídeo, pois sei que quer saber o conteúdo do bilhete dentro do casaco.

Jane mostrou o vídeo que fez do bilhete e do momento em que colocou as 25 cédulas de 200 euros dentro do casaco, explicando a forma de localizar o dinheiro. Não era preciso mais provas, nem ao menos outra pergunta.

— Então é a senhora mesmo! Jane! E mora aqui na cidade?

— Não. Moro na Paraíba. Eu tive as malas extraviadas em um voo de volta da Bélgica. Para evitar problemas com alfândega e a receita, eu escondi o dinheiro no fundo falso do casaco. O bilhete era para estar dentro do bolso direito, certo?

— Não sei! Quando abri o pacote para lavar o casaco e o desabotoei, o papel caiu ao chão. Mas não me importa saber isso agora, eu quero informações de Júnia. Fiquei pensando nela desde o dia que encontrei o bilhete.

— Infelizmente, a Júnia faleceu. A rejeição do rim causou muitas sequelas e, como não conseguiu comprar o remédio, não houve sucesso com a cirurgia. Eu entrei com um processo na companhia aérea só mesmo para fazê-los pagar pela morte da minha irmã. Doei toda a quantia ganha para uma ONG de transplantados. Afinal, se ela tivesse tomado o remédio, talvez ainda estivesse viva. Eu nunca consegui reaver a minha bagagem. Só o casaco agora.

As duas mulheres começaram a chorar. Era muita emoção envolvida. E Jane continuou:

— Quando eu vi sua postagem falando do casaco e a foto, logo soube que era a roupa que eu havia comprado de presente para a minha irmã.

Hélen convidou Jane para ir à sua casa a fim de devolver-lhe o casaco. Ao chegarem, a irmã de Júnia disse:

— Eu quero que você fique com o dinheiro por sua honestidade, mulher. Já o casaco, eu gostaria de tê-lo de volta como recordação de Júnia. Eu só não entendo como a pessoa que o entregou aqui, nunca encontrou o dinheiro. Parece nem ter aberto o pacote. Ou não conseguiu encontrar o fundo falso.

— Não, agradeço profundamente, mas o dinheiro não é meu. Dizer que não preciso dele é mentira, porque fui demitida no início desta semana. No entanto, a grana foi encontrada no meu local de trabalho voluntariado. Eu já comuniquei o fato à direção da ONG.

— Então eu vou até a ONG com você para formalizar a doação. O dinheiro não me interessa mais. Eu queria era ter a minha irmã comigo, mas Deus a levou. Então você me entende, não é?

As duas foram conversar com Lourdes e Jane fez a doação que praticamente pagou toda a reforma do local. Era uma quantia que a instituição levaria vários meses de venda no Brechó para chegar ao valor semelhante. Eternamente agradecidas pela contribuição tão especial, numa situação bastante triste; o casaco e o bilhete foram devolvidos a Jane que saiu da ONG talvez com um sentimento de dever cumprido com Júnia.

Em forma de homenagem a Jane e sua irmã, a instituição passou a dar um nome especial para a loja: “Brechó Irmãs Jane & Júnia”. Muita gente tinha a curiosidade de saber o porquê do nome, mas Lourdes, Hélen e Renato preferiram guardar o “segredo do casaco rosa” debaixo de 7 chaves.
